

Um caminho entre antigamente e o arco-íris: Vivências de Mwadia e Ponciá pelos vezos da memória

One way between ancient and the rainbow: Ponciá's and Mwadi's experiences by memory ways

Roberta M. F. Alves *

Resumo

Vários teóricos da área das Ciências Humanas e Sociais têm-nos apresentado reflexões sobre os diálogos entre o passado e o presente, entre a lembrança e a vivência, entre a ficção e o imaginário. Essas reflexões e particularmente as análises feitas por Jacques Le Goff, Michael Pollack e Fernando Cartoga são arcabouços teóricos que nos permitem pensar na possibilidade de avaliar o processo da memória em relação ao processo de construção de identidades. A partir da construção identitária de duas protagonistas femininas: Mwadia, em **O outro pé da sereia**, de Mia Couto, e Ponciá, em **Ponciá Vicêncio**, de Conceição Evaristo, analisaremos conceitos, apresentaremos opiniões e delinearemos conclusões.

Palavras-chave: Memória; Construção de identidade; Memória individual; Memória coletiva; Literatura comparada.

A escolha de um caminho

Dentre tantos caminhos existentes para discutirmos a questão da memória, qual deles será o mais pertinente para a sustentação da análise ora

*Doutoranda em Literaturas de Língua Portuguesa do Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

proposta? O da psicologia, o da antropologia, o da biologia, o da história, o da Teoria da Linguagem ou o da literatura?

Em cada área temos uma visão específica e determinada e algumas, talvez, não sejam as mais propícias para o estudo de personagens ficcionais. Caso o percurso escolhido seja o semântico, teremos que perceber a memória como a faculdade de conservar e reproduzir as ideias, imagens ou conhecimentos anteriormente adquiridos; a lembrança de qualquer coisa ou alguém; reminiscência; aptidão para recordar especialmente certas coisas.

Mas se, por outro lado, optarmos por uma posição articulada com a da psicologia, teremos campos antagônicos ou complementivos que poderiam ser representados pelo par aqui/lá, ao qual se articulariam outras oposições, como o agora/ontem, individual /coletivo e, dessa forma, tempo e espaço como variáveis fundamentais para se estabelecer o diálogo com o presente/passado, na tentativa de análise e articulação da memória.

Optamos, então, por um caminho metafórico entre o antigamente e o arco-íris, espaços mnemônicos importantes para a construção das identidades femininas ficcionais: Mwadia, do romance **O outro pé da sereia**, de Mia Couto e Ponciá, do romance **Ponciá Vicêncio**, de Conceição Evaristo. Visto que a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar de processo identitário, ele se mostra tanto nas atividades fundamentais dos indivíduos como nas das sociedades.

Nosso texto começará abordando o tempo passado, o “Antigamente”, para percebermos como se constitui o berço de Mwadia e a relação dela com o enredo. Sem medo de passar embaixo do arco-íris, o personagem Ponciá será desvelado entre suas ausências e errâncias. A partir dos signos “antigamente” e “arco-íris”, propomos uma análise comparada entre os dois personagens e sua relação com a memória como elemento constituinte de identidades.

Antigamente em Vila Longe...

Em **O outro pé da sereia**, nos deparamos, aparentemente, com uma trama que se faz entre o ontem (século XVI) e o agora (século XXI), em um

diálogo que nos permite vislumbrar diversos espaços temporais entre esses meandros.

Em Dezembro de 2002, um acontecimento incomum nos convida a percorrer um caminho de encontro ao passado. Estamos em Antigamente, algo cai do céu e um pastor, Zero Madzero, crê que esse objeto é na realidade uma estrela cadente. Por um impulso, Madzero enterra a estrela. Ao chegar a sua casa e dividir com a mulher Mwadia o fato, resolvem então desenterrar a estrela e enterrá-la em um local sagrado, não sem antes consultar um conselheiro tradicional, Lázaro Vivo.

Na consulta que Zero e Mwadia fazem ao conselheiro, além de percorrermos um caminho geograficamente proposto, nos deparamos com duas visões temporais de África na construção do personagem Lázaro Vivo. Podemos inferir que a função que ele exerce na sociedade na qual vive é de manutenção das tradições e da história de seu povo, mas também funciona como um elemento que simboliza presságio, uma demonstração da modernização e, em certos momentos, uma crítica direta aos valores impostos por essa mesma modernização e pela globalização. Entre enigmas e respostas, Zero afirma que o curandeiro autorizou a viagem deles à floresta para enterrar a estrela em solo sagrado.

Zero não conta ao curandeiro o motivo da visita, apenas lhe narra um sonho. O nyanga faz uma leitura independente das palavras do burriqueiro e, depois de uma atitude teatralizada que se espera de um curandeiro, afirma que Zero passou a noite carregando uma mulher quente, não feita de carne nas costas.

Em seu pensamento, Zero tenta entender como uma estrela “decadente” pode ser confundida com uma mulher e crê que a sua verdade para os fatos era bem distante da verdade imaginada pelo adivinho.

Após a conversa com Lázaro, o casal volta para casa antes de realizar sua missão sagrada. Cuidadosamente, o burriqueiro desenterra a estrela, prepara o mais velho dos burros e junto a sua mulher parte para cumprir seu objetivo.

Ao chegar ao seu destino, Zero Madzero se entrega aos rituais em respeito a seus antepassados, pede autorização e auxílio para cumprir sua tarefa. Zero e Mwadia são colocados como ícones da tradição e da modernidade. Criada na cidade, a mulher não conhece os valores tradicionais do marido, comporta-se direcionada pelo instinto, enquanto o pastor se curva diante das tradições e deveres de sua crença.

Depois do enterro da estrela, encontram às margens do rio, entre verdes sombrios, uma estátua de mulher, branca e coxa, ossos humanos e uma caixa de madeira. Decidem levar a caixa e a Virgem e mais uma vez ouvir os conselhos de Lázaro Vivo.

O casal havia cumprido uma tarefa e agora cabia a Mwadia uma empreitada solitária e sagrada: voltar a Vila Longe para encontrar um lugar para a Virgem coxa, o que lhe permitiria reencontrar um passado repleto de lembranças e esquecimentos.

Um deslocamento temporal nos coloca no passado, e junto com o retorno de Mwadia Malunga para Vila Longe, a sua vila natal, conhecemos a história da Santa que foi trazida para Moçambique e reconhecida como a Kianda pelo escravo Nsundi, o auxiliar de meirinho, o guardião do fogo.

Iniciamos assim a construção da identidade dessas duas forças completivas, Mwadia e a Santa, como se o passado mais distante se juntasse ao presente na tentativa de nos ajudar a construir essa trama que começamos a perceber. Os diferentes retalhos dessa colcha aos poucos vão sendo costurados para constituir o enredo desse romance de Mia Couto. Histórias particulares que, em sua força individual, se transformam em liames de uma história coletiva. Histórias particulares são formadoras de histórias oficiais, criando assim uma tênue linha entre a ficção e a realidade, a narração do que aconteceu e o contar do que poderia ter acontecido em que vislumbramos personagens e fatos ficcionais que se confundem aos personagens e fatos históricos nesta forma de construção de memória.

Ao chegar a Vila Longe, Mwadia Malunga, sem saber, é portadora de elementos formadores de memória. A Santa/Kianda e a caixa com registros escritos colocam lado a lado a história afetiva/individual e a história oficial

gerada a partir de suas fontes históricas. Seu passado e um passado mais remoto encontram-se em um lugar que vive de memórias e de passado. Nada se parece com as coisas que ela lembrava. Tudo foi transformado. Ausências e espaços comportam-se como a memória: fragmentada e seletiva. *Flashes* mnemônicos começam a clarear a história de Mwuadia, as lembranças da escola, da tia, do pai, do relacionamento com o padrasto. O mesmo acontece com a história da Santa/Kianda, apresentando-nos o caminho que a kianda percorreu até ser encontrada por Mwadia e Madzero.

A memória individual de Mwadia em construção gradativa e intensa nos permite vislumbrar, através de pequenas lembranças pessoais, quem ela é, sua função na história, como se suas lembranças fossem capazes de organizar nossa percepção do universo ficcional criado por Mia Couto. Afirma Pollak:

Quando falo em construção em nível individual, quero dizer que os modos de construção podem tanto ser conscientes ou inconscientes. O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização. (POLLAK, 1992, p. 204)

No decorrer do enredo, as duas pontas - Mwuadia e a Kianda - se unem como se preparassem um final comum. Com a memória reconstruída Mwuadia se percebe e aprende que lhe restavam apenas as linhas tênues da memória. Retorna a Antigamente com um vazio na alma e escolhe o caminho da ausência, volta ao rio e às suas origens. O romance de Mia Couto nos coloca diante de uma mulher que, ao reconstruir sua memória, acaba por se perceber como pessoa, que constrói sua própria identidade.

Passando debaixo do arco-íris

Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo, é um romance que pode ser analisado como “romance de formação”, *Bildungsroman*, visto que nos

apresenta um personagem que é confrontado entre seus ideais e a realidade, uma mulher que, após sucessivas perdas, inicia um processo de separação de si mesma como se a personagem quisesse se perceber de uma forma mais ampla e para isso precisasse se ausentar de seus conceitos e valores.

A linguagem poética inunda todo o romance. Através de pequenos acontecimentos do cotidiano, somos convidados a olhar de modo a transcender o automatismo viciado com que se observam as coisas do dia-a-dia, mas com um instrumento a mais para olhar com essência a poesia da vida.

O enredo desenha os caminhos, as andanças, as marcas, os sonhos e os desencantos da protagonista. A autora traça a trajetória da personagem da infância à idade adulta, analisando seus afetos e desafetos e seu envolvimento com a família e os amigos. Discute a questão da identidade de Ponciá, centrada na herança identitária do avô e estabelece um diálogo entre o passado e o presente, entre a lembrança e a vivência, entre o real e o imaginado.

Trata-se de uma história como tantas outras, mas de uma complexidade sem tamanho, pois nos permite ler sobre assuntos díspares e completivos. Essa mulher, uma negra, pobre, mais uma migrante da zona rural, herdeira da escravidão, nos conduz o olhar para uma sociedade que exclui e marginaliza.

A memória nessa narrativa é desenhada por meio dos sentidos, das percepções instintivas que nascem com todos nós. A protagonista, em menina, se constitui como a concretização da memória de seu avô, o primeiro homem que ela conheceu. Sem que as pessoas percebessem porque o imitava, Ponciá fazia com que o avô não caísse no esquecimento.

A identidade da personagem central, como a memória, é formada por fragmentos. Descendente de escravos africanos, Ponciá surge já de início despojada do nome de família, pois o "Vicêncio", que todos os seus usam como sobrenome, provém do antigo dono da terra e era como "lâmina afiada a torturar-lhe o corpo".

Essa marca de inferioridade acompanha a protagonista, estende-se pelo penoso caminho de vazios e derrotas, no qual tanto a menina quanto a

mulher é separada dos entes queridos e de tudo o que possa significar um enraizar identitário. Ao perder também os sete filhos que gerou, Ponciá cai na letargia que a faz perder-se de si mesma.

O personagem se torna um migrante e, em busca de dias melhores na cidade, acaba, como tantos outros, desterritorializado em uma favela. Sua descendência escrava é “mantida” na vida difícil que leva, nos sonhos apagados pela discriminação e pela marginalização. Sua condição social e cultural continua, portanto, sendo regida pelo passado africano, e sua trajetória do espaço rural para o urbano representa sua condição diaspórica.

A narrativa configura-se como um *Bildungsroman* feminino e negro ao dramatizar a busca quase intemporal da protagonista, a fim de recuperar e reconstituir família, memória, e identidade.

Não podemos deixar de inferir que o ímpeto antropofágico se faz presente na tentativa de adaptar, esmerilar o modelo europeu para aproximá-lo às peculiaridades da matéria representada, repleta de nacionalidade e peculiaridades brasileiras. Assim, a apropriação feita por Conceição Evaristo ganha contornos intertextuais, pois em lugar da trajetória ascendente do personagem em formação, que surge em Goethe e tantos outros, o que concluimos é um percurso de perdas materiais, familiares e culturais que substitui o herói romanesco, por uma narrativa complexa e entrecortada, uma mistura de forma tensa entre o passado e o presente, a recordação e o devaneio.

No decorrer da narrativa vão surgindo as histórias dolorosas como a do pai, que, quando criança e já no período posterior à Lei Áurea, tinha que ser o pajem do filho do patrão. Já o avô, suicida frustrado, decepava parte do braço e matara a própria esposa depois de ver quatro de seus filhos serem vendidos em plena vigência da Lei do Ventre Livre.

Aparentemente essas histórias surgem soltas, fragmentadas, e vão sendo evocadas em meio aos hiatos de razão da protagonista. Formam, entretanto, uma textura discursiva pela qual se recupera a memória de uma dor que é física e moral, individual e coletiva.

Ponciá se constrói na arte da cerâmica, reatando no barro trabalhado o fio da existência. A terra, antes paliativo para a fome da menina, passa a matéria-prima para a afirmação da mulher. Ao final, o desterro na cidade grande se suaviza no reencontro com o que lhe resta da família, o que parece pôr fim à sina entre lugares da personagem.

Mantenedora de uma memória familiar, a protagonista segue os passos da autora, também esta mantenedora de uma forte linhagem memorialística existente na literatura afro-brasileira.

Ao longo da narrativa, a protagonista se perde dela mesma, dos seus e de sua vontade de ser, até que, ao reencontrar sua família, é trazida de volta. Durante um tempo ela chama seu nome para poder se encontrar e é através das recordações, devaneios e do outro que ela conseguirá se constituir enquanto pessoa, enquanto mulher, que tem o olhar perdido no tempo e busca profundamente em seu passado e seu presente sua identidade.

Em sua juventude sai do vilarejo para melhorar a vida, trabalha, cresce, mas se perde dos seus. Até que em um caminho inverso a criadora é encontrada por causa de suas criações, já que seu irmão a encontra e, em um processo, um elo, a herança reconstrói sua memória.

Entre antigamente e o arco-íris

A memória como instrumento de formação de uma identidade é o ponto de interseção entre as duas personagens. Mwadia e Ponciá funcionam como materialização de lembranças, embora cada uma delas tenha sua própria forma de perceber isso. A construção como pessoa é o resultado final para as duas personagens.

Mwadia, em sua jornada, questiona a todo tempo suas lembranças e em *Antigamente* tenta fugir delas. Sabe que em Vila Longe estão as respostas para suas perguntas, contudo percebe a impossibilidade dessa fuga:

Mwadia não desejava apenas estar distante, mas ambicionava esse exílio que só se encontra quando todos de nós se esquecem. Nunca o conseguiu. As lembranças atravessavam os rios, calcorreavam a savana e nela emergiam como lava incandescente. (COUTO, 2006, p. 68)

O personagem de Evaristo lida com a memória como fuga de sua realidade, uma forma de tentar se perceber, se completar:

Ela gastava todo o tempo com o pensar, com o recordar. Relembrava a vida passada, pensava no presente, mas não sonhava nem inventava nada para o futuro. O amanhã de Ponciá era feito de esquecimento. (EVARISTO, 2003, p.19)

Assim podemos inferir que, embora os caminhos sejam distintos, eles se tocam. Uma foge da realidade através do esquecimento, enquanto a outra foge através das lembranças. As duas precisam de algo externo para completar seus objetivos. Como afirma Pollack, embora a memória pareça ser um fenômeno individual, pode ser constituída coletivamente. Nos dois romances, nem Mwadia nem Ponciá conseguem saber quem são sem as informações que buscam em outros. Os flashes mnemônicos que lhes aparecem se tornam claros com a intervenção de outras pessoas.

Em sua história a esposa do burriqueiro se torna parte de um plano dos habitantes de Vila longe para ludibriar os americanos que visitam a África em busca de sua identidade. Um simulacro. Fingiria estar em transe e dialogaria com os entes do passado para conhecer, elucidar fatos do passado. Com o passar do tempo, as histórias inventadas são de tal modo convincentes que os próprios moradores questionam a veracidade/falsidade dos fatos. Como podemos observar na passagem:

- _ Minha filha, me responda: você está mesmo sendo visitada?
- _ Por quem?
- _ Ora por quem? Pelos que dormem, pelos espíritos.
- _ Claro que estou, mãe. Não foi isso que combinamos, que eu era visitada pelos muzimos?
- _ Não brinque com coisas sérias. Eu quero a verdade verdadeira.
- _ A mãe não queria, afinal que ele me entregasse ao chamamento? Não foi isso que sempre quis?
- _ Mwadia, minha filha: o meu coração está apertado por uma grande dúvida. Não me faça sofrer mais...
- _ Não se aflija, que eu estou a ser visitada de outra maneira.

_ Que outra maneira?

Mwuadia respondeu vagamente: os livros e os manuscritos eram as suas únicas visitas. (COUTO, 2006, p.237-238)

No romance de Evaristo, por meio do recordar de Nêngua Kanida, deparamo-nos com esse mesmo processo de produção da memória individual construída a partir das lembranças de fatos vividos por outras pessoas e mesmo pela emergência de lembranças do outro:

Nêngua lhe havia dito que em qualquer lugar, em qualquer tempo, a herança que o Vô Vicência tinha deixado para ela seria recebida. Ponciá ouvia esta conversa desde pequena. Que legado do avô seria pertença dela? (EVARISTO, 2003, p. 61)

Apesar de um aparente consenso existente sobre a importância da memória na formação da identidade pessoal e coletiva, sempre percebemos que ela é seletiva e não pode ser vista como mero registro, pois está intimamente ligada à representação afetiva. Como afirma Cartroga, "a memória é uma re-presentificação feita a partir do presente e dentro da tensão tridimensional do tempo" (CATROGA, 2001, p. 46). Bem compreensível dessa forma é a mistura que a memória provoca entre a ficção e a história ou, melhor dizendo, uma mistura de fatos acontecidos com outros inventados inconscientemente. A relação entre o passado e o presente quase anula o distanciamento entre o sujeito e o objeto e faz com que o sujeito recorde. Alguns fragmentos dos dois romances aludem a esse processo:

_ Como podemos tanto esquecer?

Fechou os olhos, deitou-se no chão, os dedos penetraram na areia solta. Depois, entreabriu os olhos, enfrentou o céu. A luminosidade Ikhe dava conforto: era tanta a luz, que ela deixava de ver. Assim ofuscada, Mwadia viu o seu velho pai desembarcar em um cais enevoadado, os pés molhados escorregando sobre as tábuas de madeira. Vinha todo fardado e, por um instante, o brilho das medalhas a fez ficar cega. (COUTO, 2006, p. 96-9)

Com o coração aos pulos, reconciliou-se com o lugar. Continuou procurando e remexendo nos objetos tão conhecidos. Foi ao velho baú de madeira, tirou de lá algumas palhas secas e viu, então, lá no fundo, o homem-barro. Vô vicência olhava para ela como se estivesse perguntando tudo. (EVARISTO, 2003, p. 49-50)

Segundo Candau (2008), a identidade é uma construção social, de certa maneira sempre em devir, no quadro de uma relação dialógica entre o eu e o outro. Dessa forma, memórias familiares comuns, conservação de conhecimento, fotos e sensações e sua transmissão são condições necessárias para a criação de um eu identitário.

A parede dos ausentes, repleta de retratos de familiares mortos, mantém viva a família, sua origem e seus valores, como se através das fotos aqueles entes queridos não partissem, mas se fizessem presentes no cotidiano daqueles que permanecem vivos. A passagem a seguir nos permite perceber a presença viva de uma personagem morta:

Todavia, em Vila Longe a morte não é exatamente um facto. A tia falecera como é devido naquele lugar; sem nunca chegar a morrer. Quer dizer: a sua alma ficara acesa, brilhando entre sombras, suspiros e silêncios. (COUTO, 2006, p. 77)

Ao final do romance, Mwadia recebe de sua mãe a foto do marido para colocá-la na parede, somente dessa maneira ela percebeu que havia se encontrado. As lágrimas que verte no desfecho da história permitem que Mwuadia se construa finalmente.

Assim, as voltas mnemônica, espacial e temporal permitem que a protagonista se perceba enquanto pessoa e lhe determine o caminho a seguir: de volta ao rio.

Da mesma forma a arte de lidar com o barro transmitida pela mãe permite que Ponciá recrie o Vô Vicêncio e lhe devolve ao seio da família, constituindo-o como um elemento formador de sua própria identidade.

A loucura que aparentemente mantém os dois personagens vivos também se configura como ponto de ligação entre essas duas mulheres que se buscam. Enquanto Mwadia, chocada pelo assassinato do marido, se refugia do mundo em um mundo particular e se reserva o direito de esquecer, na tentativa de não perder o seu amado, Ponciá teve que aprender a conviver com ausências, dessa forma a loucura no personagem de Evaristo é delineada

pelas ausências constantes, pelo olhar perdido no horizonte e pela busca incessante de sua identidade.

Identidades construídas

Os elementos observados no presente artigo mostram que a partir da sensação do esquecimento é que nos buscamos em nossa memória. Quando esquecemos quem somos, sentimos a necessidade assustadora de buscar em nosso passado elementos que nos liguem ao presente e nos façam vislumbrar um viver no futuro. Afinal, como afirma Lázaro Vivo: “O tempo existe para apagar o tempo”, embora nós, como Ponciás, andemos como se quiséssemos emendar um tempo ao outro, agarrando tudo, passado-presente-e-o-que-há-de-vir. Caminhamos dentro de nós mesmos e, como Mwadias, passamos revista nos retratos pendurados na parede da memória e aos poucos criamos presença ao colocarmos ausentes, construindo assim nossas identidades.

Abstract

Some theoreticians from the area of Social and Human Sciences presented the reflections on the dialogues between the past and the present, the remembering and the experience, the fiction and the imaginary. These reflections and particularly the analyses made by Jacques Le Goff, Michael Pollack and Fernando Cartroga are the theoretical main lines that allow us to think of the possibility to evaluate the process of the memory in relation to the process of construction of identities. From the identity construction of two feminine protagonists: Mwadia in **O outro pé da sereia**, by Mia Couto and Ponciá, in **Ponciá Vicêncio**, by Conceição Evaristo, we will analyze concepts, present opinions and delineate conclusions.

Key-words: Memory; Identity creation; Individual memory; Group memory; Comparative Literature.

Referências

ARTROGA, Fernando. Memória e História. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Fronteiras do milênio**. Porto Alegre: Editora da UFRS. 2001. p.43-69.

CANDAU, Joel. **Memoria e Identidad**. Buenos Aires: Ediciones Del Sol, 2008, 208 p.

CATROGA, F. Memória e história. In: PESAVENTO, S. J. (org.) **Fronteiras do milênio**. Porto Alegre-RS: Editora da UFGRS, 2001.

COUTO, Mia. **O outro pé da sereia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 331p.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2005. 132 p.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Percursos da memória em textos das literaturas africanas de língua portuguesa. **Revista Gragoatá**. Niterói. N.19,2 sem, 2005, p.45-64.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad Irene Ferreira et al. Campinas:Unicamp, 2003.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, n 10 1992, p.129-280.

Eduardo de Assis Duarte. **OBildungsroman afro-brasileiro de Conceição Evaristo**. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2006000100017&script=sci_arttext. Acesso em: Ago.05 de 2007.